

Tempo curto para tantas perguntas

Trinta perguntas, aproximadamente, ficaram sem resposta devido à falta de tempo. As conferências do Seminário "Brasília Anos 80" que terminaram às 22 horas no Cine Brasília deixaram um curto espaço para os debates. Entretanto, as perguntas sintetizaram uma curiosidade quase geral das pessoas que questionam Brasília. Não teria sido o elitismo das classes dominantes o responsável pelo desvirtuamento do projeto Brasília?

Dirigida ao professor Gentil Martins Dias, da Universidade de Brasília - que acredita ser necessário nascer um gênio para planejar uma cidade - a resposta foi negativa. Segundo ele, "ninguém, a não ser a própria comunidade, tem direito de traçar o seu futuro, por melhor que seja a intenção de quem esteja fazendo planos". Gentil Martins acha que a causa para o afastamento dos planos é o fato de sermos portadores de uma cultura para a qual Brasília não foi preparada:

— Brasília foi preparada para ser uma cidade do futuro, mas, não um futuro nosso, real, afinal de contas. Era o futuro que se desejava para o Brasil, uma utopia.

O professor Martins considera utópica a inversão do processo, que teria ocorrido no caso de Brasília partindo do papel para a prática. Planejamento, acredita ele, é importante como veículo captador das necessidades sociais, econômicas e políticas de determinada comunidade posta em ação em benefício desta mesma comunidade. E não o contrário. Portanto, concluiu que apesar do elitismo existente ele não seria a causa direta do afastamento do projeto: "Nem creio que nenhuma revolução, nenhum plano revolucionário, inovador, poderia isentar esses aspectos utópicos do seu conteúdo que acho altamente prejudicial".

Entre as muitas questões formuladas aos conferencistas - algumas fora do tema proposto - provocaram intenso debate as perguntas que tratavam do problema do menor. As propostas de solução eram também variadas: um trabalho conjunto, em mutirão; cobrança de taxas extra; ocupação do menor em trabalhos leves e sua consequente integração na vida social, evitando assim, que ele tenha tempo suficiente para se delinquir, etc.

PLATEIA

"A solução para os problemas de Brasília e de todas as outras cidades está no campo. Enquanto não encontrarmos uma saída para o problema fundiário, teremos que nos contentar com soluções paliativas". Quem fez esta afirmação na última segunda-feira, à noite, foi o estudante de música, Geraldo Godoy, que assistia às conferências do Seminário Brasília Anos 80, no Cine Brasília.

Da mesma opinião que Geraldo, Vitor de Oliveira, seu colega da Escola de Música, lamenta que os setores mais avançados da sociedade estejam longe das discussões: "Quem, realmente, fez a cidade e vive nela há 20 anos deveria estar aqui para dar o seu depoimento ou lançar suas interrogações".

A plateia, composta por estudantes universitários, em sua maioria, demonstrou grande interesse pelos temas expostos, a julgar pelo volume de perguntas dirigidas à mesa. Muitos dos que saíram antes do encerramento conversaram rapidamente sobre a cidade e, apesar das divergências de pontos de vista, a conclusão é de que Brasília não é um projeto falido. Entretanto, os estudantes concordaram com a urgência de se pensar mais sobre a cidade.

Projetada para tornar-se uma cidade mais humana, sem os problemas sociais que atingem os grandes centros, Brasília se afastou bastante do "sonho", segundo dados estatísticos fartamente apresentados pelos conferencistas. Uma população crescente que traz consigo carências diversas - moradia, transporte, saúde - coloca em risco a idéia original. Portanto, "já é hora de se tentar oferecer uma vida melhor, mais humana às pessoas que vivem aqui", afirmou Armando Miranda, estudante de Artes da UnB.

A distância que separa a teoria da prática é medida pelos recursos disponíveis, segundo raciocínio elaborado pelo engenheiro Luiz Dielson. Ele, que praticamente nasceu com Brasília onde vive há 20 anos, acha que viabilizar uma cidade é dar oportunidade de trabalho aos seus habitantes.

A constatação da oferta de emprego se sobrepondo à procura torna descrentes as irmãs Dulce e Suely que fornecem cafezinho aos participantes. Falando sobre a redução de empregados nas firmas onde trabalham, elas acabam por concluir que as perspectivas não são muito boas. Sem indústria, as opções de emprego se reduzem. As firmas que podem absorver mão-de-obra são pequenas e as filas dos concursos demonstram a briga por uma vaga no Serviço Público:

- É por isso que eu saí uns dois anos e quando voltei soube que um colega nosso estava preso como marginal perigoso - conta Suely. Ele era um rapaz bom e ninguém imaginava que pudesse roubar. Mas, o que se vai fazer, não há emprego.



O cine Brasília estava chelo, ontem à noite, quando se debateram os problemas sociológicos da cidade

“Sonho dos planejadores”

Brasília não é cidade futuro; faltam-lhe habitações e perspectivas

- Quais são as perspectivas de 600 mil indivíduos com menos de 18 anos existentes hoje em Brasília? Sem o desenvolvimento da região geo-econômica não há perspectivas.

- Brasília é uma grande tentativa que falhou. Ela não é hoje a cidade futuro que se reflete apenas nas formas ousadas da sua arquitetura; pelo contrário, ela se transformou ao longo destes 20 anos numa manifestação genuína das imensas diferenças que constituem a sociedade brasileira.

- A existência de habitações de madeira, taipa etc, com cobertura de zinco e sapé pode, em muitos casos, representar uma solução compatível ao nível de renda da população que assim reside e, às vezes, até mesmo uma solução construtiva decorrente da facilidade de acesso aos materiais existentes na área. Isto não significa que se deva deixar de considerar alternativas viáveis para melhorar tais habitações.

Três assuntos diferentes, abordados respectivamente pelos conferencistas David Luís Boianovski, Secretário de Serviços Sociais do DF; Gentil Martins Dias, professor de Sociologia na UnB e José Carlos Barcellos, diretor da SHIS, anteontem à noite no Seminário "Brasília Anos 80", sob o tema "Brasília: Uma Visão Sociológica", permitem uma avaliação da preocupação dos que aqui habitam e participam da vida administrativa da cidade, no sentido de torná-la mais humana e, naturalmente, reassentá-la ao plano original, o que o conferencista Gentil Martins considerou como uma meta que ficou "no sonho dos seus planejadores".

David Boianovski, na palestra em que abordou, especificamente, o problema do menor, dizia o seguinte: "O senhor governador Aimé Lamaison nos disse: Nós não vamos mais construir monumentos, não porque sejamos contra eles, mas porque a Brasília monumental já está construída. Nós temos que partir para a infra-estrutura, para o necessário e para fazer da gente dessa cidade o nosso monumento, porque aqui tem gente! E quanta gente - e o menor é gente -. E segundo: é preciso, é indispensável, disse o

governador, que nós partamos para o desenvolvimento da região geo-econômica, é preciso que nós levemos para a prática aquilo que tem estado no papel. É preciso que nós assumamos essa bandeira, que saia o desenvolvimento dessa região geo-econômica, que ela seja mais econômica e menos geo. Que o desenvolvimento da geo-econômica seja uma meta a ser perseguida prioritariamente pela equipe do GDF".

Esta preocupação provavelmente está hoje inserida em todos os setores do governo do Distrito Federal e será uma solução para atender aos 600 mil indivíduos com menos de 18 anos, segundo disse David Boianovski, ou como ele havia citado anteriormente, seria até uma provável solução para a melhoria das condições de vida de aproximadamente 120 mil menores carentes (de tudo) que existem atualmente no Distrito Federal.

Mas enquanto os planos saem do papel para a prática é preciso saber também que um outro problema de fundamental importância, o habitacional, terá que ser resolvido. Outro conferencista, José Carlos Barcellos, da SHIS, adiantou que "a maior parte do incremento populacional esperado no período 1980/85, refere-se à população de baixa renda" e, "pode-se afirmar, com base na estrutura de renda atual da população economicamente ativa no Distrito Federal, que 80% das famílias resultantes do incremento populacional terão ganhos inferiores a cinco salários mínimos, sendo que neste período deverão ser instaladas cerca de 90 mil novas habitações, "apenas para atender a demanda decorrente do incremento populacional" que até lá já estará com um contingente de 1,5 milhão de pessoas.

O problema da expulsão, cada vez em maior número, das populações carentes para áreas distantes do seu local de trabalho naturalmente criará dificuldades que terão que ser enfrentadas, mas de imediato José Carlos Barcellos propõe que "as favelas ou "invasões", como são chamadas as habitações subnormais localizadas em áreas de propriedade pública ou particular, também

não devem ser examinadas, de modo generalizante, como uma doença que a todo custo deve ser erradicada, pois, muitas vezes, o remédio aplicado ocasiona males mais graves que a própria doença que se quer eliminar".

Em outras palavras, enquanto não se cria estrutura para deslocar essas populações "invasoras" o melhor é deixá-las onde estão. O conferencista cita, por exemplo, que o planejamento de cunho excessivamente territorial implantado em Brasília, sem a consideração de outros aspectos, também importantes, na formulação da estrutura urbana, tem ocasionado várias disfunções relativas ao setor habitacional; o próprio desenho urbanístico, associado ao controle de zoneamento nas cidades satélites, impõe uma excessiva ordenação e padronização dos espaços, "nem sempre compatível aos interesses e necessidades da população de mais baixa renda".

É justamente esse planejamento de cunho excessivamente territorial - e que se pensava, no plano original, serviria para aproximar as pessoas, - que redundou nas grandes diferenças sociais apontadas pelo conferencista Gentil Martins Dias, em sua abordagem sociológica, em que propõe "outros experimentos futuros de planejamento urbano" que "deveriam levar em conta não apenas o objetivo por si mesmo, mas, também, este em si mesmo".

Em sua visão sociológica ele apontaria para Brasília "uma cidade mais humana, menos fria e mais espontânea, com relações mais comunitárias do que simplesmente associativas, seria somente possível onde o planejamento fosse muito mais o captador e intérprete das necessidades que a cultura e as necessidades de sua gente reclamam, do que um agente modelador destes". porque, "o utopismo onde o estado cumpre a função central de regulamentação das nossas vidas como agente capaz de distribuir oportunidades e justiça esteve sempre presente na construção e consolidação de Brasília" e é ainda hoje "este mesmo dirigismo que comanda atualmente largos setores das nossas atividades e que nos ameaça com seus poderes ilimitados e insa-

ciáveis".

Concluindo, Gentil Martins Dias diz que "o ideal de igualdade, ou de menor desigualdade, não resultará do planejarneto e do desejo dos que constroem quimeras, mas sim da práxis dos que por ele se batem, na dura realidade das sociedades ainda por construir e desenvolver".

CONFERENCISTAS

Mais de duzentas pessoas assistiram anteontem à noite, até o fim, as palestras que tiveram como tema geral "Brasília: Uma visão Sociológica".

Os conferencistas foram os seguintes: Gentil Martins Dias, diretor do Instituto de Ciências Humanas e professor de Sociologia da Universidade de Brasília, que abordou especificamente o aspecto sociológico de Brasília, da formação e condução de sua comunidade "sem" "donos" que teriam sido legitimados em outras comunidades a partir de práticas culturais que aqui ainda não se implantaram". Gentil é bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia, mestre em Administração Social na Universidade de Essex, Inglaterra; doutor em Filosofia pela Universidade de Sussex, Inglaterra e professor da Universidade de Cambridge, também na Inglaterra, de 78 a 79.

David Boianovski, que abordou o problema do menor na Sociedade, é Secretário de Serviços Sociais do Governo do Distrito Federal, ex-professor da Universidade de Brasília; professor-visitante do MIT; membro do Painel de Peritos em Nutrição da Organização Mundial de Saúde; consultor do Conselho Mundial de Alimentos, da ONU, de 76 a 77 e consultor da Overseas Education Foundation dos EUA para programas de creches.

José Carlos Barcellos, que abordou o tema "Brasília: Aspectos do Problema Habitacional" é bacharel em Administração de Empresas, bacharel em Economia, desempenhou funções no serviço público Federal desde maio de 67 e atualmente ocupa o cargo de diretor-superintendente da Sociedade de Habitações de Interesse Social - SHIS.